

## AS VIAGENS DOS SANTOS SELVAGENS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA

Cantaura La Cruz

### Introdução

Nesta análise, exploraremos a profunda ligação entre Elena, Gerson e a figura do Dr. José Gregorio Hernández em meio a um caminho marcado por desafios. As trajetórias migratórias de Elena, uma venezuelana que cruza a fronteira para ajudar sua irmã doente no Recife, Brasil, e Gerson, outro migrante de Caracas, se entrelaçam em torno de sua devoção compartilhada a esse personagem emblemático da cultura e da história venezuelana.

Para entender a complexidade dessa relação e as dificuldades que Elena e Gerson enfrentam, utilizamos uma abordagem metodológica baseada em relatos, entrevistas e fontes documentais. Essa abordagem nos permitiu acompanhar detalhes da jornada de Elena, suas experiências e os obstáculos que ela encontrou ao longo do caminho, bem como o papel que a fé no Dr. Hernández desempenhou para ambos os protagonistas. Por meio dessa abordagem, investigamos a influência do programa social brasileiro “Bolsa Família” na vida de Gerson, bem como a importância de superar as barreiras linguísticas e burocráticas que afetam o acesso aos programas de assistência aos imigrantes venezuelanos, incluindo a falta de informações claras e a validade de documentos. Observamos como esses fatores afetam a vida e o bem-estar desses indivíduos em busca de melhores oportunidades e condições no contexto migratório.

Ao longo deste texto, veremos como a fé no Dr. José Gregorio Hernández foi fundamental para conectar Elena e Gerson, dando-lhes esperança nos momentos mais desafiadores de sua jornada. Sua devoção compartilhada aos santos venezuelanos criou uma conexão profunda. Esta análise visa lançar luz sobre a importância de compreender as histórias individuais de migração e o impacto que a religiosidade pode ter

no fortalecimento dos laços, mesmo em meio à adversidade. Convidamos o leitor a embarcar nessa jornada, junto com Elena e Gerson.

## **Como entender o colapso venezuelano?**

Começamos por mostrar alguns dos conceitos e textos que foram mobilizados para este trabalho. Inicialmente, nos concentramos no livro *Venezuela Before Chávez* (Hausmann; Rodríguez, 2015). Os autores explicam a crise humanitária na Venezuela e o impacto que ela teve em todo o mundo. Eles também exploram os motivos por trás da migração venezuelana e os desafios que os imigrantes enfrentam.

Superficialmente, a crise humanitária na Venezuela pode ser atribuída apenas à queda dos preços do petróleo, à inflação e à escassez de alimentos, remédios e outros suprimentos básicos. Além desse contexto, essas condições provocaram uma onda de emigração da população venezuelana para outros países. E, como se não bastasse, a pandemia da covid-19 agravou ainda mais a crise humanitária no país.

Embora o preço do petróleo bruto tenha caído várias vezes ao longo da história dessa rubrica na Venezuela, a última queda, entre 2014 e 2016, foi particularmente profunda e persistiu de forma intermitente. A maneira como afeta o país deve-se em grande parte à gestão de recursos pelo governo venezuelano, que, entre 2017 e 2019, enfrentou um agravamento crítico da crise econômica e política. O ano de 2017 foi especialmente traumático, marcando um ponto culminante na crise. Posteriormente, em 2019, a situação tornou-se ainda mais grave com a crise energética e o “apagão nacional”, afetando não apenas os aspectos políticos e econômicos, mas também a esfera dos direitos humanos. O governo incentivou a corrupção, o clientelismo e a impunidade, o que contribuiu para a crise humanitária.

A história da crise humanitária na Venezuela pode ser descrita como uma história de profunda desigualdade nos últimos vinte anos e uma deterioração vertiginosa da qualidade de vida da população venezuelana. Embora a queda do preço do petróleo, principal produto de exportação da Venezuela, seja central para entender parte da crise, devemos olhar também para a inflação e a escassez de alimentos, remédios

e cortes no fornecimento de serviços básicos como eletricidade, água e transporte, entre outros, que provocaram uma onda de emigração da população venezuelana para outros países.

Do ponto de vista da macroeconomia, o livro de Hausmann e Rodríguez (2015) aborda questões como inflação, déficit fiscal, endividamento, desvalorização do bolívar, escassez de alimentos, fuga de capitais e deterioração da infraestrutura. No capítulo 7 da compilação, Samuel Freije (2015, p. 275) fala sobre a distribuição e a redistribuição na Venezuela. O texto levanta a questão de se o desempenho econômico deficiente da Venezuela está de alguma forma ligado à distribuição de renda e à redistribuição, e explora a complexa relação entre crescimento econômico e desigualdade. Também analisa o trabalho dos governos Chávez (1999-2013) e Maduro (desde 2013) para sustentar a economia.

Podemos ver o papel das instituições na crise e como as políticas do governo de Chávez, desde que chegou ao poder, afetaram o Estado de direito, a economia e a sociedade. Além disso, o papel da mídia e a influência dos grupos de poder na tomada de decisões são examinados.

Em geral, podemos observar que as diferentes crises causadas pela migração – como exemplo dessa situação, podemos ver o caso da Colômbia e outros países vizinhos – representam uma situação em que os imigrantes enfrentam dificuldades no acesso a serviços básicos como alimentação, moradia, saúde e recursos educacionais. É importante notar que esses migrantes podem ter status legais diferentes e que alguns são reconhecidos como refugiados que buscam proteção internacional devido a problemas políticos em seu país de origem (Agier, 2002)<sup>1</sup>.

A essa crise junta-se a falta de uma resposta adequada dos governos, bem como a xenofobia, a discriminação e a exploração comunitária que certos grupos enfrentam nessa situação. Como resultado, muitas vezes enfrentam obstáculos na obtenção de cuidados e no exercício de seus direitos trabalhistas, tornando-os mais vulneráveis à violência, à exploração, ao abuso e à segregação (Agier, 2002, p. 63).

---

<sup>1</sup> Aqui é necessário esclarecer as categorias legais que definem os direitos e as responsabilidades dos indivíduos em países estrangeiros. Eles incluem refugiados, requerentes de asilo, migrantes econômicos, trabalhadores temporários, residentes permanentes e muito mais. Cada status implica diferentes benefícios e regulamentos, determinando a integração e a proteção dos migrantes em seu novo ambiente.

Portanto, é fundamental reconhecer que a migração, nesse caso da Venezuela, tem impacto não só na Venezuela, mas também em outros países latino-americanos, onde essas pessoas buscam uma vida melhor e, em alguns casos, proteção internacional como refugiadas. É importante que os governos e a sociedade como um todo adotem uma abordagem humanitária para enfrentar os desafios que os migrantes e refugiados enfrentam, garantindo seu acesso a serviços básicos e proteção adequada em suas novas comunidades. Tais compreensão e cooperação são essenciais para abordar a complexidade e as dimensões humanitárias da migração venezuelana na região.

## **Entendendo a migração de venezuelanos no Brasil**

Do ponto de vista sociológico, a migração venezuelana para o Brasil pode ser entendida como uma resposta à crise econômica, política e social que afeta a Venezuela. Os venezuelanos recentemente migraram em massa para o Brasil em busca de trabalho, segurança e um futuro melhor. Essa migração teve um grande impacto na economia, na sociedade e na política brasileira na área de fronteira. Alguns estudos sugerem que a chegada dos venezuelanos ao Brasil gerou maior demanda por mão de obra e um aumento nos salários dos trabalhadores (Shamsuddin *et al.*, 2021). Também foram observadas mudanças no comportamento dos consumidores brasileiros, como o aumento do consumo de produtos venezuelanos na fronteira. Apesar dos desafios envolvidos, a migração venezuelana para o Brasil representa uma oportunidade para melhorar a vida dos venezuelanos e contribuir para a economia e a política brasileiras.

De acordo com pesquisas realizadas por programas do Banco Mundial em 2021, destaca-se a complexidade dos impactos econômicos e sociais da crise venezuelana na região fronteira, indicando que, embora não tenha havido efeitos fiscais significativos a curto prazo em Roraima, houve impactos notáveis no mercado de trabalho, com resultados distintos conforme o gênero, a qualificação e a indústria. Shamsuddin *et al.* (2021) destacam o papel que a comunidade internacional desempenha na assistência a essa população e aos refugiados venezue-

lanos, bem como a importância de um marco legal para garantir os direitos humanos. Essas pesquisas também apontam que a integração bem-sucedida desses viajantes no Brasil depende do comprometimento da comunidade internacional, do governo brasileiro e da sociedade civil brasileira para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades.

Segundo as pesquisas realizadas tanto no país receptor de migrantes quanto no país de origem, há vários aspectos a serem considerados. Na Venezuela, indicam-se vários momentos na crise migratória em datas e conjunturas diferentes, tendo o momento mais crítico, conforme Osorio e Phélan (2019, p. 247), iniciado em 2014, agravando-se à medida que a crise avança e se aprofunda.

Essa afluência de venezuelanos gera diversos impactos, especialmente em Roraima. A chegada de venezuelanos deslocados teoricamente deveria gerar dois tipos de impactos: um choque populacional com um aumento repentino na população do estado e um choque de gastos por parte do estado anfitrião e da comunidade internacional, fornecendo moradia, educação e assistência social aos deslocados. O segundo tipo de impacto pode ser o reflexo na economia fiscal do país, representando um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade do ponto de vista fiscal e econômico. Essa perspectiva pode ser considerada relativamente otimista diante das condições. Pesquisadores do Banco Mundial indicam que, apesar dessas mudanças demográficas substanciais, o impacto a curto prazo nas variáveis fiscais de Roraima não foi estatisticamente significativo, destacando a complexidade de lidar com os efeitos da migração forçada nas finanças e no mercado de trabalho da região.

Por outro lado, pesquisadores da Universidade Central da Venezuela destacam que a migração tem sido efetivamente forçada pela situação. Pode-se afirmar que aqueles que saíram nos dois primeiros momentos migratórios, ou seja, um primeiro entre 1999 e 2003 e um segundo entre 2004 e 2013, tinham medo, enquanto a grande maioria dos que estão saindo no último momento (ou seja, desde 2014 até os dias atuais) tem, além de medo, fome (Osorio; Phélan, 2019). Nos dois primeiros momentos, a saída era predominantemente voluntária; no terceiro momento, é uma saída forçada que se transforma em refúgio e asilo. Essa mudança drástica no tipo e nas motivações da migração

apresenta um enorme desafio, especialmente para a tomada de ações que contribuam para conter o que se configura como uma das maiores crises humanitárias da região.

Em suma, a migração pode ter um impacto positivo e negativo no Produto Interno Bruto (PIB) e no ambiente fiscal de um país, mas essa afirmação é relativa, pois depende do tipo de políticas de gestão implementadas. Embora a prestação de serviços e a satisfação das necessidades possam representar uma despesa significativa para o governo, a gestão adequada da migração pode gerar benefícios econômicos ao contribuir para a economia local.

### **As condições da viagem**

No entanto, os casos aqui discutidos não se enquadram especificamente nesse modelo. Para entender as condições de viagem dos protagonistas dessa história, de Caracas, na Venezuela, a Curitiba e Recife, no Brasil, é importante entender que esses não foram inicialmente os principais destinos dos venezuelanos, nem muito menos como Elena e Gerson planejaram.

Cidadãos venezuelanos podem entrar no Brasil a turismo ou negócios usando carteira de identidade ou passaporte válidos; binacionais colombiano-venezuelanos podem entrar com carteira de identidade ou passaporte colombiano, por até 90 dias. O Brasil permite atividades turísticas, educacionais, culturais e de negócios, excluindo remuneração, uma vez que, para outros fins, como estudo ou trabalho, é necessário solicitar o visto correspondente e os pedidos de residência são gerenciados no Brasil.

Determinadas solicitações podem ser feitas no consulado brasileiro mais próximo do local de residência do requerente, mas vale ressaltar que esse consulado não teve continuidade de funcionamento em Caracas, sendo que o consulado mais próximo era em Bogotá, Colômbia. Os interessados em emigrar para o Brasil devem levar em consideração que, além de solicitar a residência, devem atender a outros requisitos, como ter uma oferta de emprego, obter uma autorização de trabalho e um visto específico.

Em meio à crise, Elena e Gerson buscando viajar para o Brasil enfrentaram então seus primeiros desafios consideráveis. Essa decisão representa um passo ousado em sua busca por um futuro mais estável, mas também envolve navegar por um complicado processo burocrático e restrições geográficas.

Além dos requisitos mencionados, eles também devem ter um seguro de saúde para cobrir despesas médicas em caso de necessidade, especialmente porque muitos recursos médicos não estão disponíveis na Venezuela. Outro fator importante a considerar é o custo de vida no Brasil, pois os preços de aluguel, alimentação e outras necessidades básicas são significativamente mais altos do que na Venezuela. Ademais, eles devem estar preparados para se adaptar a uma cultura diferente e, claro, aprender um novo idioma.

Para Elena e Gerson, a viagem é uma cascata de desafios, pois, ao planejarem a viagem, é que descobrem que devem conseguir uma oferta de trabalho no Brasil, uma autorização de trabalho, um visto específico e um seguro saúde. Mas a história deles vai além das exigências burocráticas. A decisão de ir para o Brasil implica um sacrifício significativo.

No contexto apresentado neste trabalho de pesquisa, as condições de chegada de Elena, Gerson e demais são construídas com base em alternativas, ou seja, tentam passar pelas margens. Optamos aqui por analisar aqueles viajantes que “vão a pé”, ou seja, aqueles que decidem viajar por via terrestre, principalmente da Venezuela para o Brasil, via a cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén.

A fronteira entre a Venezuela e o Brasil estende-se por alguns estados dos dois países. No caso da Venezuela, a fronteira com o Brasil passa principalmente pelos estados do Amazonas e de Bolívar. No estado venezuelano do Amazonas, a fronteira com o Brasil é caracterizada por sua vasta extensão de floresta amazônica e terreno montanhoso. Essa região remota e escassamente povoada apresenta desafios geográficos significativos de comunicação e acesso, o que tem influenciado a dinâmica migratória. As comunidades nessa área geralmente dependem de rotas fluviais e terrestres para transporte e comércio transfronteiriço. Dada a sua localização isolada, a passagem da fronteira pode ser difícil, exigindo o uso de barcos e estradas rurais.

A segunda passagem de fronteira mais movimentada começa no estado de Bolívar, de Santa Elena de Uairén até a cidade brasileira de Boa Vista. A estrada é asfaltada e tem cerca de 200 quilômetros de extensão. O tráfego é pesado, especialmente durante certas épocas do ano. O caminho passa por várias pequenas cidades e áreas florestais. Além disso, a estrada também abriga um memorial erguido para celebrar a amizade entre os dois países, localizado próximo à cidade de Pacaraima, no estado brasileiro de Roraima. O monumento foi construído em 1981 e é composto por uma estátua, uma placa comemorativa e duas bandeiras. Ele está localizado em uma praça pública e é um ponto de encontro de pessoas de ambos os países.

Santa Elena de Uairén é parte da região onde ocorrem os conflitos do projeto “Arco Minero del Orinoco”<sup>2</sup>. Esse projeto de mineração na Venezuela tem sido alvo de inúmeras reclamações e críticas (Mora Silva; Rodríguez Velásquez, 2019). Uma das principais preocupações concentra-se no impacto ambiental, com relatos de destruição de ecossistemas frágeis e áreas protegidas em decorrência da extração indiscriminada de minerais, que gera desmatamento, poluição de rios e danos à biodiversidade. Além disso, também foram levantadas sérias preocupações sobre a violação dos direitos indígenas, já que o projeto foi realizado sem consulta ou consentimento prévio das comunidades indígenas, resultando em deslocamento forçado, violência e violação dos direitos territoriais e culturais dessas comunidades. Outra grande reclamação diz respeito à corrupção e à falta de transparência nos contratos e nas concessões associados ao projeto, levantando preocupações sobre a gestão inadequada dos recursos naturais do país. Por fim, destaca-se o impacto social e econômico negativo do projeto, que não gerou os benefícios esperados para a população venezuelana, agravando a crise econômica e social do país, e denunciaram-se as precárias condições de trabalho e os abusos contra os trabalhadores nas áreas de mineração. Essas reclamações refletem a necessidade de abordar as preocupações de forma abrangente, mas, no momento, essa é a principal situação enfrentada pelos migrantes que cruzam a fronteira entre a Venezuela e o Brasil.

---

<sup>2</sup> O projeto Arco Minero é uma iniciativa de desenvolvimento econômico promovida pelo governo venezuelano em 2016 que busca aproveitar os recursos minerais presentes em uma grande área localizada no sul do país, próxima à fronteira com o Brasil. Estima-se que a extensão aproximada de 111.843 quilômetros quadrados abriga importantes reservas minerais como ouro, diamantes, coltan, ferro e bauxita, entre outros. A zona abrange vários estados venezuelanos, incluindo Bolívar, Amazonas e Delta Amacuro.

Isso representa uma parte do panorama que Elena, Gerson e outros da região tiveram que percorrer para chegar ao Brasil. Entre 2015 e 2016, foram realizados trâmites alfandegários no lado brasileiro da passagem. Os viajantes precisavam apresentar um passaporte válido para entrar no Brasil. Assim que entrassem no país, poderiam solicitar o visto de residência no consulado brasileiro mais próximo. Desse modo, boa parte da migração de venezuelanos para o Brasil foi, em geral, realizada legalmente. No entanto, após a morte de Hugo Chávez em 2013 e o agravamento gradual da situação venezuelana, alguns optaram por entrar no país sem autorização ou sem os documentos necessários, o que é conhecido como “migração irregular”. Essa migração ilegal pode ter consequências importantes, como insegurança no trabalho e deportação. Além disso, parte dessa população desesperada chega ao Brasil a pé, de ônibus ou de carro. Os ônibus são a forma mais comum de viajar, já que geralmente têm um custo menor, mas se pode também atravessar a fronteira a pé. Veículos particulares podem ser usados para cruzar a fronteira, mas os passageiros devem estar cientes de que será necessário um documento de trânsito para entrar no Brasil.

A migração venezuelana para o Brasil aumentou nos últimos cinco anos<sup>3</sup>, principalmente após a crise econômica, política e, em particular, de saúde, que se agravou fortemente no início de 2019<sup>4</sup>. Isso tem levado muitos venezuelanos a cruzarem a fronteira a pé, tendo em vista que muitos deles não têm recursos para viajar de ônibus ou carro.

De um ponto de vista antropológico, veremos os fenômenos migratórios de uma perspectiva social, cultural, econômica e política. Em outras palavras, padrões e processos de migração, bem como seus efeitos e suas consequências. Neste texto, acompanharemos as experiências vividas por Gerson e Elena. Essas experiências podem ser multiplicadas e nos contar sobre novas formas de pertencimento e relacionamento

---

3 O artigo de Osorio e Phélan (2019), citado anteriormente, nos indica altas taxas de migração para 2019. No entanto, apesar da opacidade dos dados, as pesquisas na Venezuela e os observatórios internacionais mostram que essa migração continua em ascensão.

4 Em 2019, a visita de Michelle Bachelet, Alta Comissária da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos, destacou que as sanções dos Estados Unidos ao comércio de ouro venezuelano agravam a crise econômica do país. A extração de ouro aumentou devido ao declínio do petróleo e levou o governo a tolerar a mineração ilegal e estabelecer ligações com atores armados irregulares. Embora o ouro gere renda, seu comércio não é regulamentado, tornando difícil distinguir entre ouro legal e aquele obtido com danos ambientais e perda de vidas humanas. A produção de ouro na Venezuela parece estar ligada a graves problemas socioambientais. A necessidade de questionar esses mecanismos de renda que violam os direitos humanos é considerada fundamental para enfrentar essa crise que continua desde então.

entre grupos, como também sobre a adaptação cultural e a mudança social que ocorrem nas comunidades afetadas.

A emergência humanitária na Venezuela é complexa e atua como fator dinâmico nos cenários sociais, incluindo diversas formas de escravidão moderna e exploração sexual. Os defensores dos direitos humanos declararam formalmente que a emergência humanitária é uma crise de origem política (e não produto de desastres naturais ou outros elementos) (Araujo Cuauro, 2020, p. 93). A região do estado de Bolívar destaca-se pela magnitude de suas riquezas minerais, e a expansão e a exploração indiscriminadas da mineração informal têm aumentado a criminalidade e a violência no sul do país.

A situação é grave e, entre os principais riscos e violações enfrentados por mulheres e meninas nas proximidades do Arco Mineiro do Orinoco, localizado nos municípios de El Callao, Roscio e Sifontes, no estado de Bolívar, estão o tráfico de pessoas, a exploração laboral e sexual, abusos, servidão, trabalhos forçados, mutilações, desaparecimentos e assassinatos. O estado de Bolívar torna-se um ponto de trânsito e destino para mulheres e meninas vítimas de crimes como tráfico de pessoas e exploração sexual, com a cumplicidade de importantes autoridades (García-Carreño, 2022, p. 161).

Além disso, é importante destacar que esse estado abriga diversos grupos indígenas. Nessa região, onde abundam as riquezas minerais, podem ser identificados nove povos indígenas de países vizinhos: Inga, Guanano, Kubeo, Wapichana, Tukano, Matakó, Macuxi, Kechwa e Tunebo. Embora representem menos de 1% da população total do país, esses povos indígenas contribuem para a diversidade cultural e social da região e enfrentam seus próprios desafios em meio às complexidades da emergência humanitária e da exploração dos recursos naturais (García-Carreño, 2022, p. 163).

## **A viagem selvagem de Elena e Gerson**

Interessada na antropologia das migrações, conheci as histórias de Fania, Elena, Gerson<sup>5</sup> e outras famílias. A louca viagem de Fania ao Brasil aconteceu muito antes, nos anos 2000, quando Chávez chegou

<sup>5</sup> Por questões de segurança e anonimato, os nomes dos informantes foram alterados.

ao poder e Fania ganhou uma bolsa de estudos em uma universidade brasileira. Conheci Elena em 2000, em um cabeleireiro perto de minha casa em Caracas. Lembro daquela vez que fui ao salão cortar e secar o cabelo porque era meu primeiro dia de faculdade. Elena começou a ser minha cabeleireira nessa conversa. Enquanto cortava meu cabelo, ela me contou sobre sua filha, sua mãe, sua irmã Fania. Lembro-me de comentar com ela que tinha começado a estudar Antropologia na Universidade Central da Venezuela, e Elena me disse que nunca soube o que era antropologia; mas isso sua irmã Fania sabia, porque ela, Fania, havia estudado ciências sociais na mesma universidade.

Há mais de vinte anos, minha ligação com a família de Elena persiste e se tornou um elemento central de meu trabalho de campo em temas como política e religião. A relação com Elena e a sua viagem, retratada como uma viagem selvagem, adquire uma relevância essencial para entrelaçar as várias histórias nesse contexto.

O ano de 2019 trouxe um turbilhão de provações para Elena, Fania e a família. Fania foi vítima de uma doença no Brasil. Embora a adversidade fosse diária, a conexão entre as irmãs tornou-se mais crucial do que nunca. Elena, travando suas próprias batalhas devido ao “diabetes insipidus” em meio às condições na Venezuela, sentiu o peso da dívida pendente de sua irmã. À distância, Fania foi o principal apoio durante as crises de Elena, oferecendo apoio financeiro e medicamentos essenciais. No entanto, chegou o momento em que Elena decidiu escrever seu próprio ato dramático nessa história. Embarcou em uma viagem, traçando um caminho de Caracas a Recife, não nas asas de um avião, mas em estradas acidentadas. Seu objetivo era claro: estar com Fania, em plena luta contra o câncer de mama. Nesse cruzamento de histórias, as irmãs tentam se acomodar em suas tragédias.

Elena, imersa no mosaico das migrações que atravessam as fronteiras nacionais, embarcou numa viagem que ressoou como um rito de passagem e transformação. Do terminal de ônibus de Caracas, sua jornada a levou às terras de Santa Elena de Uairén, no coração do estado de Bolívar, um enclave transitório onde encontrou refúgio em uma estadia precária que durou dois ou três dias. Essa breve pausa foi apenas um prelúdio, pois de Santa Elena de Uairén seus passos a conduzi-

ram em direção a Boa Vista, e de lá ela mergulhou na jornada rumo ao Recife. Ao longo de três semanas, o percurso forjou uma narrativa de contradições: precariedade versus solidariedade, insegurança versus encontros reveladores, fome lidando com momentos de espiritualidade compartilhada.

A trilha de Elena juntou-se às trilhas que percorrem o espaço entre Caracas e Santa Elena de Uairén, girando pelas cidades de Barcelona, Ciudad Guayana, Upata, El Callao, Tumeremo e El Dorado. Nesse passeio, o tecido do tempo foi esticado ao longo de 24 horas, percorrendo uma distância de 1.260 quilômetros que se tornaram os passos da sua peregrinação. No entanto, o roteiro ganhou novas dimensões quando, das terras de Pacaraima, ultrapassou o norte do Brasil. Esse caminho, esculpido com travessias de ferries e estações onde se ligam diferentes histórias de percursos, estendeu-se por mais de 6.500 quilômetros. Um testemunho tangível da vastidão e da complexidade da jornada.

Nesse cenário, Elena encarna a narrativa compartilhada por muitos que cruzam fronteiras em busca de uma vida. A história de Elena ressoa com a marca de quem, como ela, não estava preparada para as exigências de uma jornada que corta a Amazônia, uma densa selva de desafios.

Se olharmos para a maior parte da produção de estatísticas de refugiados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), percebemos que o Brasil é um dos maiores anfitriões de venezuelanos deslocados e já abrigou cerca de 260 mil desde 2019 (data aproximada) (ACNUR, 2020). Esse valor refere-se a requerentes de asilo, refugiados políticos e migrantes temporários. Este último é precisamente o caso de Elena.

A maioria dos migrantes chega ao país pelo estado de Roraima, que é a principal porta de entrada entre a Venezuela e o Brasil. O governo brasileiro, com apoio federal, assim como o ACNUR e outras agências da ONU, organizações não governamentais e sociedade civil, tenta prestar assistência humanitária durante a “Operação Acolhida”, como foi chamada a política de recepção de migrantes na fronteira. Essa foi exatamente a primeira parte da viagem de Elena. A viagem selvagem começa em um cenário de crise econômica e política na Venezuela. Ela

já havia cogitado a ideia de emigrar diversas vezes, aliás, sua filha emigrou para os Estados Unidos no início de 2019.

No caso do Brasil, para mitigar os múltiplos efeitos da chegada em massa de estrangeiros a Roraima, o governo federal acionou as Forças Armadas, repassando recursos para a criação de estruturas temporárias de alojamento, alimentação, atendimento médico, saúde etc. (Vasconcelos; Machado, 2021). No âmbito da implementação dessas políticas, Elena conseguiu encontrar alojamento e acessar parte desse sistema de acolhimento, com algumas circunstâncias. Ela pôde ser recebida como “hóspede desejável” em Boa Vista, pois sua condição econômica “permissão” que ela tivesse acesso a alguns recursos, como eventualmente poder se conectar à internet e pagar um quarto, já que sua irmã Fania fez algumas transferências bancárias de Recife.

Porém, nessa mesma operação, podemos perceber que existem diferenças entre os migrantes venezuelanos, que foram determinadas pelo tipo de política implementada em Boa Vista pelas Forças Armadas brasileiras. Diferentes formas de exclusão e expulsão podem ser identificadas para os novos imigrantes considerados indesejáveis.

Por exemplo, no texto “Uma missão eminentemente humanitária?” (Vasconcelos; Machado, 2021), sobre a operação militar de recepção e gestão em abrigos para migrantes venezuelanos em Boa Vista, podemos perceber que existem diferentes formas de exclusão. Nesse artigo, descreve-se que, por meio da “Operação Acolhida”, também ocorre uma limpeza de espaços públicos com o despejo de venezuelanos antes de ocuparem praças, ruas, avenidas, terrenos baldios, edifícios abandonados etc. A maioria dos venezuelanos, principalmente desde outubro de 2018, distribuiu-se em abrigos espalhados pela capital de Roraima, a cerca de 215 quilômetros da fronteira com a Venezuela. O problema parece ser que os venezuelanos não gozam da simpatia geral da população local, demonstrando falta de reconhecimento dessa alteridade.

Outro dos primeiros desafios que Elena enfrentou durante sua jornada foi superar as barreiras linguísticas. Embora o ordenamento jurídico brasileiro confira aos venezuelanos, independentemente de sua situação imigratória, o direito ao trabalho e o acesso a serviços, bem como registros administrativos e documentos assistenciais, também autoriza

o acompanhamento minucioso da inclusão da população venezuelana. Além disso, idealmente, potencializa a localização dessa população no local de trabalho, educação convencional e assistência social, entre outros aspectos. Porém, na prática, é bem mais complicado. Elena só conseguiu acessar parcialmente essa assistência durante sua estada, o que talvez tenha facilitado sua ida ao Recife.

Na viagem, Elena conheceu Gerson. Ele tinha 23 anos e também era de Caracas, do mesmo bairro que Elena, Fania e toda a família. Gerson é muito disposto a aprender a se comunicar em português, o que facilitou muito a jornada que enfrentaram. Ambos mantiveram um bom relacionamento, o que lhes permitiu, a princípio, entender e traduzir e, posteriormente, aprender um pouco da língua. A barreira do idioma foi definitivamente um dos maiores obstáculos de Elena durante sua viagem e sua estada. Por outro lado, Gerson conseguiu ter mais acesso do ponto de vista administrativo.

Gerson é um jovem com cerca de 1,70 m de altura, uma presença que transmite confiança. Sua constituição esbelta e atlética revela o fruto de sua dedicação ao basquete e ao beisebol. Cabelos escuros com mechas retas brilhando com gel. Seus olhos castanhos escuros fazem dele um jovem comum de qualquer bairro de Caracas. Gerson não só se destaca pela aparência, mas também pela atitude firme e apaixonada que emana dele. Com um olhar que não tem medo do portunhol, Gerson encarna a mistura da tradição de uma geração criada numa Caracas modesta com a modernidade de quem só conheceu a história do chavismo.

Apesar do profundo amor por sua família, Gerson é um jovem que não é estranho aos desafios econômicos e sociais que a Venezuela enfrenta. Claramente, ele testemunhou como a diáspora venezuelana deixou marcas em seu ambiente mais próximo, observando como amigos e familiares tomaram a decisão de emigrar em busca de um futuro menos perturbado. Esse rapaz, apesar de não ter feito o ensino superior, não deixa de cogitar a possibilidade de estudar e trabalhar no Brasil se as condições o permitirem. Entende que falar outro idioma e ter um diploma pode fornecer ferramentas valiosas para uma melhor integração.

Os valores que sustentam a vida de Gerson são fortes. Amizade, lealdade e solidariedade ocupam um lugar fundamental em sua visão de mundo e ele o demonstra com seus esforços. Incutido por seus pais, ele

internalizou a importância do esforço constante e da perseverança na busca de seus objetivos. Gerson diz que considera profundamente suas raízes católicas venezuelanas; com um profundo sentimento de pertencimento, ele carrega consigo um sentimento de orgulho de seu bairro, Petare.

Enquanto navega na encruzilhada entre as realidades de uma Venezuela em ruínas em um ônibus precário, Gerson simboliza uma geração que busca sobreviver ao “chavismo” e navega entre ir à igreja nas manhãs de domingo com a família e dançar nas festas de santo dos amigos da vizinhança<sup>6</sup>.

## **Doenças como tecidos e Dr. José Gregorio Hernández como esperança**

Durante a viagem de Elena e Gerson ao Recife, um elo se estabelece entre suas histórias ao trocarem experiências. No decorrer da conversa, eles descobrem que compartilham a mesma afiliação a uma igreja em Palo Verde, perto de seu bairro no leste de Caracas, e a devoção aos mesmos santos, incluindo Dr. José Gregorio Hernández. Todos rezam para ele pedindo ajuda.

O Dr. José Gregorio Hernández nasceu em 1864 em Isonotu, no estado de Trujillo. Ele cresceu em uma família profundamente conservadora com uma fé católica rigorosa. Alcançou uma excelente reputação como médico e desempenhou um papel influente na criação e na reorganização de vários ramos da medicina moderna na Venezuela. Atualmente, é uma figura reconhecida e vigorosa na categoria de santo popular, sendo um dos espíritos curadores mais importantes no contexto da veneração de María Lionza<sup>7</sup> (Ferrándiz, 1991).

---

6 “Fiestas de Santo” são eventos rituais na santería, uma religião afro-caribenha sincrética que combina elementos iorubás e católicos. Cada crente tem um “orixá” ou divindade protetora, associado a um santo católico, e as festividades são celebradas em sua homenagem. Essas cerimônias incluem músicas, danças, oferendas e cantos, fortalecendo a conexão espiritual e comunitária dos praticantes, enquanto eles honram e buscam a proteção de seus orixás.

7 O culto a María Lionza na Venezuela é uma manifestação sincrética que combina elementos indígenas, africanos e católicos. Centra-se na veneração da figura de María Lionza, divindade espiritual considerada protetora da natureza e curadora. Os seguidores realizam rituais em espaços naturais, buscando se comunicar com os espíritos da terra, os ancestrais e heróis da independência por meio da possessão e da dança. É originário da região de Yaracuy.

Em seus encontros por meio de médiuns, o Dr. Hernández conserva grande parte dos costumes e das orientações discursivas de um médico. Vestido com um jaleco branco que reforça sua disciplina controlada, ele realiza consultas, ouve com cortesia os pacientes, realiza exames e colabora com outros membros da família para entender a amplitude do problema de saúde. Realiza procedimentos médicos, incluindo a desinfecção de feridas, ocasionalmente encaminha pacientes para especialistas vivos e escreve prescrições à mão. No contexto do culto a María Lionza e do espiritismo venezuelano<sup>8</sup>, o Dr. Hernández desempenha simultaneamente três papéis distintos: é respeitado como médico, reverenciado como um santo milagroso e reconhecido como um espírito poderoso.

Esta devoção ao Dr. Hernández transcende as fronteiras venezuelanas, estendendo-se a outros países da região. A crença em sua capacidade de fazer milagres e curar doenças é comum entre seus seguidores. Seu túmulo, localizado em um cemitério da cidade de Caracas, é um local de veneração ao qual são atribuídos numerosos milagres e curas extraordinárias (Ferrándiz, 1991).

A proposta de canonização da Igreja Católica para o Dr. Hernández ganhou amplo suporte na Venezuela, com líderes religiosos e políticos apoiando sua causa. A beatificação ocorreu em abril de 2021. A devoção ao “médico dos pobres”, como é conhecido localmente, estende-se a vários países da América Latina e do Caribe, entre eles Colômbia, Equador e República Dominicana, além das Ilhas Canárias, na Espanha.

O Dr. José Gregorio Hernández é, então, uma espécie de caleidoscópio, que, ao se mover, nos dá diferentes paisagens e figuras usando os mesmos elementos em seu interior. Nesse caleidoscópio, vemos: a crise atual, histórias de migrações, história do petróleo, um santo popular de constantes viagens e reconversões, entre outras coisas.

A explosão do poço “Zumaque 1”, o primeiro poço de petróleo comercial, em 1914 em Mene Grande, estado de Zulia, marca o início

---

<sup>8</sup> O espiritismo venezuelano é uma religião popular que combina elementos do catolicismo, o culto a María Lionza, a santeria e crenças indígenas e africanas. Originou-se na Venezuela em meados do século XIX e se espalhou não apenas por todo o território venezuelano, mas também para outros países da América Latina e do Caribe. Concentra-se na comunicação com os espíritos, e os praticantes acreditam que estes podem ajudar as pessoas na vida cotidiana e na cura de doenças. Embora existam outras expressões do espiritismo, o culto a María Lionza é uma das práticas mais populares. Essas práticas religiosas têm sido objeto de polêmica e criticadas por alguns setores da sociedade venezuelana, bem como pela Igreja Católica, mas continuam sendo uma parte importante da cultura popular do país.

da era do petróleo na Venezuela e anuncia a chegada da modernidade, com sua transformação socioeconômica. Isso tornou o país um importante destino para a migração internacional durante grande parte do século XX, remodelando a demografia por meio da migração interna e externa (Lander, 2006).

A imigração proveniente das Canárias tem raízes coloniais, mas a sua ascensão coincide com os efeitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que geraram uma grande crise humanitária na Europa e levaram à emigração de milhões de europeus. Nesse contexto, o Estado venezuelano implementou políticas migratórias que favoreceram a migração europeia, sob a perspectiva positivista de “melhorar a raça” (Margolies, 1994).

A migração canária conheceu o seu ponto culminante entre 1936, com o governo de E. López Contreras, e os anos 1950, na ditadura de M. Pérez Jiménez (1948-1958). Por outro lado, a migração latino-americana e caribenha teve seu auge nos primeiros vinte anos de democracia (1960-1980), devido à inclusão social e econômica na Venezuela. O país tornou-se um dos principais destinos de cidadãos de vários países em busca de melhores condições de vida. Embora as políticas estatais tenham se tornado restritivas em vista do controle do fluxo migratório, uma porcentagem significativa de imigrantes conseguiu se instalar e se estabelecer na Venezuela. A crise econômica da década de 1980, conhecida como “sexta-feira negra”, provocou uma recessão na migração. No entanto, o fluxo colombiano foi reativado de 1996 a 2006, desta vez não como migração econômica, mas como refúgio em razão do conflito armado colombiano (Palma, 2015). Essas comunidades migrantes com sede na Venezuela enviaram remessas a seus países de origem para sustentar suas famílias e, quando possível, viajaram para manter seus laços culturais e religiosos.

Assim, a devoção a José Gregorio Hernández foi uma das principais contribuições culturais e religiosas dos migrantes aos seus países de origem. Hoje, com a migração de mais de 5 milhões de venezuelanos para outros países da região, essa devoção se difundiu como símbolo em um continente afetado pela desigualdade e pela pobreza.

Em resumo, a noção de “colisão de momentos históricos” surge na época de José Gregorio Hernández como um fenômeno que conecta vários aspectos da história venezuelana. Enraizado na criação do culto

em torno do túmulo do Dr. Hernández após sua morte, a noção capta a confluência de múltiplos eventos e desenvolvimentos ao longo do século XX na Venezuela. Essa evolução coincidiu com momentos cruciais da história da Venezuela, incluindo a migração em massa que o país recebeu nas últimas décadas e a atual diáspora que enfrenta.

A viagem de Elena e Gerson ao Brasil se insere nessa narrativa, pois simboliza a relação contínua entre a devoção ao Dr. Hernández e a experiência migratória. À medida que os venezuelanos embarcam em novos caminhos, eles também levam consigo sua fé profundamente enraizada no “médico dos pobres”. Neste cenário histórico e migratório, a figura do Dr. José Gregorio Hernández torna-se um símbolo duradouro de resiliência, devoção e unidade para a diáspora venezuelana.

### **“Bolsa Família” para Gerson**

O programa de assistência social no Brasil conhecido como “Bolsa Família” é um programa de transferência condicionada de renda cujo principal objetivo é apoiar famílias de baixa renda. Essas famílias recebem um complemento econômico desde que atendam a determinados critérios estabelecidos pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Esse ministério é responsável por estabelecer a elegibilidade das famílias para receber esses recursos, por meio de um cadastro em vigor desde 2003. Além disso, existe um cadastro central que identifica e inclui populações de baixa renda nesse tipo de programa de governo. No caso do programa “Bolsa Família” no estado de Roraima, sua implementação é descentralizada, com o governo federal, estados e municípios desempenhando diferentes papéis. No nível federal, o Ministério da Cidadania é o principal órgão executor e conta com o apoio da Caixa Econômica Federal, banco público responsável pela entrega dos pagamentos.

Os venezuelanos, independentemente de seu status de imigração, podem se inscrever no “Bolsa Família”, desde que atendam a certos critérios de elegibilidade. Este foi o caso de Gerson, embora sua inscrição não garantisse sua elegibilidade ou acesso a benefícios. Gerson acabou recebendo uma bolsa por meio desse programa.

De acordo com as estatísticas brasileiras de 2020, 13,5 milhões de famílias têm acesso à ajuda dos beneficiários do programa. Foi constatado que pelo menos 16.707 venezuelanos eram beneficiários do “Bolsa Família” (ACNUR, 2020). Em fevereiro de 2021, Gerson perdeu o acesso a esse programa devido às péssimas condições em que se cadastrava no Bolsa Família de Boa Vista, pois seu passaporte estava prestes a expirar.

Como muitos outros venezuelanos, a dificuldade em acessar a ajuda do “Bolsa Família” pode ocorrer em razão da falta de informação e das barreiras do idioma, principalmente em relação aos documentos vencidos. Foi o que aconteceu com Gerson, cujo passaporte caducou enquanto ele se encontrava em processo de pedido de ajuda.

Seu plano inicial era ficar por alguns meses. No entanto, surgiram problemas como a expiração do passaporte, a impossibilidade de renovar o documento no Brasil, o fechamento da fronteira, as dificuldades de retorno por terra e a instabilidade na região devido aos perigos na área do Arco Mineiro na Venezuela. Essas condições complicaram ainda mais sua situação. Finalmente, depois de meses de aventuras, Gerson chegou a Curitiba após ingressar no programa de ajuda aos migrantes venezuelanos.

Segundo Garcia (2019, p. 16), os migrantes venezuelanos que vivem na cidade de Curitiba e que deixaram as fronteiras a partir de 2015, nos anos posteriores à posse de Nicolás Maduro como presidente, enquadram-se na definição de migração forçada (refugiados) relacionada a problemas estruturais como pobreza, desemprego, corrupção, hiperinflação, insegurança, escassez de alimentos e remédios, ineficiência dos serviços públicos, políticas econômicas restritivas que afetam o aparato produtivo, entre outros. Além disso, menciona que a cidade de Curitiba representa um polo de oportunidades para os migrantes venezuelanos e destaca a qualidade de vida como condição fundamental para se firmar como destino migratório.

O artigo ressalta a importância da colaboração entre diversos atores sociais para lidar com os desafios enfrentados pelos migrantes venezuelanos nessa região. Destacam-se algumas iniciativas de organizações não governamentais, como a atuação da “Caritas Regional do Paraná”

na proteção e na defesa dos migrantes, bem como os esforços da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), oferecendo aulas de português e estabelecendo programas para melhorar as condições de integração dos migrantes, abordando aspectos como acesso à educação, qualificação profissional, assistência médica, regularização de documentação e cidadania. Em síntese, o artigo traça um panorama da migração venezuelana em Curitiba e destaca algumas iniciativas voltadas para enfrentar os desafios enfrentados pelos migrantes nessa cidade.

O aprendizado do idioma levou Gerson a visitar diversas instituições para se integrar o mais rápido possível e se fixar em Curitiba.

Em maio de 2022, enquanto os vestígios da pandemia persistiam e a crise política no Brasil se intensificava, Gerson, vários meses depois de chegar ao Brasil e há algumas semanas em Curitiba, compartilhou, por meio de uma conversa no WhatsApp, uma observação perspicaz: “*O carimbo do Dr. José Gregorio é mais valioso que o próprio passaporte venezuelano*”. Ele ainda tinha um longo período de seis meses antes que o consulado venezuelano finalmente concedesse acesso a seus documentos, permitindo que voltasse e chegasse a tempo para o funeral de sua mãe. O determinante que o levou a deixar Caracas, a delicada condição diabética de sua mãe aliada à escassez de insulina e às precárias condições de vida, acabou por minar seus esforços em novembro de 2022. Gerson voltou a Curitiba em dezembro de 2022.

Tanto Gerson quanto Elena enfrentaram meses de instabilidade em sua adaptação ao Brasil, estabelecendo uma sólida amizade por meio de experiências como rosários no ônibus, santinhos do Dr. José Gregorio Hernández, domingos na igreja e práticas espíritas. As orações os uniram, oferecendo-lhes apoio na travessia da fronteira. Eles se apoiaram financeira e espiritualmente. A figura do Dr. José Gregorio Hernández, “o médico dos pobres”, torna-se um vínculo significativo entre eles quando encontram uma espécie de “*economia da oração*” – em suas palavras: “*se rezarmos juntos é mais barato*” – diante das dificuldades da viagem migratória.

## Referências bibliográficas

ACNUR. Venezuelanos no Brasil: integração no mercado de trabalho e acesso a redes de proteção social. *Plataforma de Coordenação Interinstitucional para Refugiados e Migrantes*, 2020.

AGIER, Michel. *Aux bords du monde, les réfugiés*. Paris: Flammarion, 2002.

ARAUJO CUAURO, Juan. Violación de los derechos humanos en Venezuela: la otra cara de la pandemia. *SUMMA: Revista Disciplinaria en Ciencias Económicas y Sociales*, v. 2, número especial, p. 87-115, 2020.

FERRÁNDIZ, Francisco. Notes on Venezuelan Spiritism: the cult of Maria Lionza. *Journal of Latin American Lore*, n. 17, p. 33-52, 1991.

FREIJE, Samuel. Income distribution and redistribution in Venezuela. In: HAUSMANN, Ricardo; RODRÍGUEZ, Francisco R. *Venezuela Before Chávez: anatomy of an economic collapse*. Pennsylvania: Penn State University Press, 2015. p. 207-238.

GARCÍA, Madison Ramniery González. Venezolanos en Curitiba: movimiento migratorio y proceso de integración social. *Terra – Nova Etapa*, v. XXV, n. 58, p. 1-20, 2019.

GARCÍA-CARREÑO, Ingrid del Valle. El Arco Minero del Onorico, estado Bolívar, Venezuela: una realidad de esclavitud moderna trata de personas y explotación laboral poco conocida y mucho menos difundida. In: BANDRÉS GOLDÁRAZ, Elena; DIEZ ROS, Rocío; ARÁNGUEZ SÁNCHEZ, Tasia (coord.). *Feminismos aplicados: un enfoque desde la educación, género, violencia estructural y los movimientos sociales*. Madrid: Dykinson, 2022. p. 160-190.

HAUSMANN, Ricardo; RODRÍGUEZ, Francisco R. *Venezuela Before Chávez: anatomy of an economic collapse*. Pennsylvania: Penn State University Press, 2015.

LANDER, Luis E. A treinta años de la nacionalización el debate continúa. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, v. 12, n. 1, p. 103-107, 2006.

MARGOLIES, Luise. Dictaduras y política migratoria: el caso de Venezuela en la década de los. In: *Actas de Coloquio Cabildo de Gran Canarias*. XI Coloquio de Historia Canario-Americana, Tomo III, 1994. p. 387-400.

MORA SILVA, Julimar; RODRÍGUEZ VELÁSQUEZ, Fidel. La Amazonía en disputa: agencias políticas y organizaciones indígenas de la Amazonía venezolana frente al Arco Minero del Orinoco. *Polis*, n. 52, p. 1-25, 2019.

OSORIO, Emilio; PHÉLAN, Mauricio. Venezuela: de la bonanza económica a la crisis humanitaria. La opacidad de la migración venezolana 1999-2019. *FERMENTUM: Revista Venezolana de Sociología y Antropología*, v. 29, n. 85, p. 239-266, 2019.

PALMA, Mauricio. ¿País de emigración, inmigración, tránsito y retorno? La formación de un sistema de migración colombiano. *Oasis*, n. 21, p. 7-28, 2015.

SHAMSUDDIN, Mrittika; ACOSTA, Pablo Ariel; SCHWENGBER, Rovane Battaglin; FIX, Jedediah; PIRANI, Nikolas. Economic and fiscal impacts of Venezuelan refugees and migrants in Brazil. *Policy Research Working Paper*, World Bank Group, n. 9797, p. 1-45, 2021.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Renó. Uma missão eminentemente humana? Operação Acolhida e a gestão militarizada de abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista-RR. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Urbana*, Brasília, v. 29, n. 63, p. 107-122, 2021.